

ECONOMIA - BRASIL

Palocci ataca 'intolerável hipocrisia' dos ricos

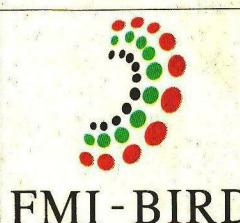
Para ministro, países avançados são lentos em adotar as políticas que eles próprios pregam

PAULO SOTERO
Enviado especial

DUBAI – O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, disse ontem que o ritmo ainda “incerto e tímido da recuperação da economia global” deve-se à lente dão das grandes potências econômicas em resolver seus próprios problemas e acusou-as de manter práticas protecionistas que são, aos olhos das nações pobres, “uma intolerável hipocrisia”.

Num discurso ao Comitê Monetário e Financeiro International em que mostrou o tom mais assertivo da política internacional do governo petista, Palocci afirmou que a causa das dúvidas que persistem sobre a recuperação da economia global é a falta de disposição das nações ricas para adotar as políticas que eles próprios pregaram durante anos ao mundo em desenvolvimento. O passo vagaroso dos países avançados “em implementar as políticas há tempos recomendadas pelo FMI – apesar de seu poder econômico, da ameaça de deflação e da deterioração de sua posição fiscal a longo prazo – é frustrante para quem, como eu, vem de um mundo em desenvolvimento que enfrenta altos níveis de injustiça social, desigualdade e muitas ineficiências, mas que, ainda assim, lutam para manter o curso de um desenvolvimento econômico e social mais rápido, mais equitativo, sustentável e responsável”, disse Palocci.

Ele criticou picos tarifários de até 500%; tarifas específicas; tarifas altas para excessões de cotas; escaladas tarifárias, subsídios à soja que correspondem à proteção efetiva de 80%; e o total de US\$ 235 bilhões em subsídios (ou US\$ 315 bilhões incluindo subsídio ao consumo e indiretos) que agricultores de países ricos receberam anualmente de 2000 a 2002.



FMI - BIRD

Fontes bem informadas disseram que a veemência do discurso de Palocci sobre comércio foi calculada não apenas para reafirmar a mensagem do governo às platéias externas como para proteger e preservar seu espaço nas discussões internas sobre política comercial, especialmente com o Ministério das Relações Exteriores, onde há influentes adversários do modelo exportador de crescimento que orienta a política econômica. Nas discussões internas sobre a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), Palocci e os ministros da Agricultura, Roberto Rodrigues, e do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, aliaram-se na Câmara de Comércio Exterior contra o Itamaraty, que defendeu inicialmente a revisão do calendário de apresentação de ofertas de liberalização negociado pelo governo anterior.

Com o Itamaraty fortalecido pela vitória que o chanceler Celso Amorim garantiu ao articular uma frente de países em desenvolvimento para impedir a adoção de uma agenda desfavorável aos interesses brasileiros na reunião da Organização Mundial de Comércio (OMC), Palocci foi incisivo em Dubai, em parte para reafirmar sua autoridade na discussão interna.

Abertura maior – Ele voltou ao assunto num seminário do Instituto de Finanças Internacionais (IIF, na sigla em inglês) – uma associação dos grandes bancos internacionais – no qual deixou claro que a diminuição da vulnerabilidade causada pelo alto endividamento externo do País passa pelo aumento da participação no comércio mundial. “O aumento do volume de comércio permitirá a diminuição do risco Brasil, além de reduzir a volatilidade do câmbio aos choques externos”, disse Palocci. “É por isso que temos dito que uma política econômica se caracteriza pela serenidade e persistência no plano macroeconômico, pela criatividade no plano de desenvolvimento e pela ousadia no comércio ex-



Maquete de Dubai: diferenças entre ricos e pobres, tema central em Cancún, voltaram ao debate

terior.” Na sexta-feira, ele dissera que suas críticas ao protecionismo valem também dentro de casa. “Não sou protecionista e acho que a abertura comercial é saudável, que os países em desenvolvimento ganham com ela e que o Brasil ganhará se aumentar o volume de comércio, tanto das exportações como das importações”. Mas “é preciso abertura dos dois lados.”

Em seu discurso no Fundo, Palocci disse que a maior frustração das nações pobres com as ricas está na questão da liberalização do comércio e na busca para aumentar o acesso de sua exportações.

Palocci atacou fortemente a política da área do euro. Segundo ele, os países da União Europeia “têm um longo caminho a percorrer para liberar o comércio e fazer reformas para aumentar a flexibilidade e dos mercados de trabalho e as taxas de participação”.

“Essas práticas são injustas para os consumidores e os contribuintes dos países industrializados e são percebidas como uma intolerável hipocrisia para os cidadãos pobres do mundo em desenvolvimento, os quais, depois de terem ouvido a pregação (dos ricos) e terem aceitado a necessidade de fazer sacrifícios para aumentar sua produtividade, vêm os ganhos prejudicados pelo protecionismo”.

Palocci criticou a deterioração fiscal nos EUA, a vulnerabilidade financeira japonesa e a falta de flexibilidade do mercado de trabalho na Europa. (Colaborou Fernando Dantas)



O aumento do volume do comércio permitirá a diminuição do risco Brasil

Ministro Antônio Palocci

dente Luiz Inácio Lula da Silva fará amanhã na abertura da assembléia geral das Na-

■ Mais informações nas páginas 3 e 4